

# UMBERTO ECO

## NÚMERO ZERO

*r o m a n c e*

Tradução  
Jorge Vaz de Carvalho



**gradiva**

Sábado, 6 de Junho de 1992, 8 horas

Esta manhã não corria água da torneira.

*Blop blop*, dois arrotinhos de bebé, depois mais nada.

Bati à porta da vizinha: em casa deles, tudo normal. Terá fechado o manípulo central, disse-me. Eu? Nem sequer sei onde fica, vivo aqui há pouco tempo, bem sabe, e só chego a casa à noite. Meu Deus, mas quando fica uma semana fora não fecha a água e o gás? Eu não. Que grande imprudência, deixe-me entrar, eu mostro-lhe.

Abriu o armário por baixo do lava-louça, mexeu em qualquer coisa e a água chegou. Vê? Tinha-o fechado. Desculpe, sou tão distraído. Ah, vocês, os *single! Exit* vizinha, que agora fala inglês, também ela.

Nervos em ordem. Os *poltergeist* não existem, só nos filmes. E não é que seja sonâmbulo, porque mesmo sonâmbulo não iria saber da existência daquele manípulo, de outro modo tê-lo-ia usado quando acordado, porque o chuveiro verte e arrisco-me sempre a passar a noite de olhos abertos a ouvir aquele pingo o tempo todo, parece que estou em Valldemossa. De facto, acordo muitas vezes, levanto-me, e vou fechar a porta da casa de banho e a que separa o quarto da entrada, para não ouvir aquele gotejar danado.

Não pode ter sido, sei lá, um contacto eléctrico (o manípulo, como a própria palavra diz, funciona à mão), nem sequer um rato,

que, mesmo que tivesse passado por ali, não teria tido força para girar a coisa. É uma roda de ferro à antiga (tudo neste apartamento remonta há pelo menos cinquenta anos) e, além do mais, está ferrugenta. Portanto, seria preciso uma mão. Humanóide. E não tenho uma chaminé por que pudesse passar o orangotango da Rue Morgue.

Raciocinemos. Todo o efeito tem a sua causa. Pelo menos, é o que dizem. Excluamos o milagre: não vejo porque se há-de Deus preocupar com o meu chuveiro, não é o Mar Vermelho. Logo, a efeito natural, causa natural. Ontem à noite, antes de me deitar, tomei um *Stilnox* com um copo de água. Por isso, até àquele momento, ainda havia água. Esta manhã, já não havia. Logo, caro Watson, o manípulo foi fechado durante a noite — e não por ti. Alguém, alguns tipos estiveram na minha casa e tiveram medo de que, mais do que o barulho que faziam (andavam com pezinhos de lã), me acordasse o prelúdio da gota, que até a eles incomodava, e talvez se perguntassem como é que não me acordava. Portanto, muito astutos, fizeram aquilo que a minha vizinha também teria feito: fecharam a água.

E depois? Os livros estão dispostos na sua desordem normal, poderiam ter passado os serviços secretos de meio mundo a folheá-los página por página e eu não daria por isso. Inútil procurar nas gavetas ou abrir o armário da entrada. Se queriam descobrir alguma coisa, hoje em dia só há uma coisa a fazer: vasculhar no computador. Para não perderem tempo, talvez tenham copiado tudo e voltaram para casa. E só agora, abrindo e tornando a abrir cada documento, se terão apercebido de que no computador não havia nada que lhes pudesse interessar.

O que esperavam encontrar? É evidente — quero dizer, não vejo outra explicação — que procuravam qualquer coisa que tivesse a ver com o jornal. Não são estúpidos, terão pensado que eu deveria ter tomado notas sobre todo o trabalho que estamos a fazer na redacção — e que, portanto, se sei alguma coisa sobre a questão de Braggadocio, deveria ter escrito sobre isso nalgum lado. Agora já terão adivinhado a verdade, que tenho tudo numa disquete. Naturalmente, esta noite devem ter visitado também o escritório,

e não encontraram nenhuma disquetes minhas. Portanto, estão a chegar à conclusão (mas só agora) de que talvez a guarde no bolso. Somos mesmo uns imbecis, estarão eles a dizer, deveríamos ter revistado o casaco. Imbecis? Cretinos. Se fossem espertos não se dedicavam a um trabalho tão sujo.

Agora vão tentar outra vez, pelo menos até à carta roubada chegar, mandam-me assaltar na rua por falsos carteiristas. Portanto, tenho de me despachar antes que voltem a tentar, enviar a disquete para o endereço de uma caixa postal e, depois, ver quando a ir recolher. Mas que parvoíces me passam pela cabeça, aqui já houve um morto e Símei desapareceu sem deixar rasto. Eles nem querem saber se sei, e o que é que sei. Por prudência, eliminam-me, e a coisa acaba aí. Nem sequer posso ir pôr nos jornais que não sabia nada sobre o assunto, porque ao dizer isso já mostro saber que sabia.

Como é que me meti nesta encrenca? Acho que a culpa é do professor Di Samis e do facto de eu saber alemão.

Porque me vem à mente Di Samis, uma questão de há quarenta anos? É que continuei sempre a pensar que foi por culpa de Di Samis que não me cheguei a licenciar, e se acabei por cair nesta intriga foi por nunca me ter licenciado. Aliás, Anna abandonou-me depois de dois anos de casamento porque se apercebeu de que, palavras suas, eu era um perdedor compulsivo — sabe-se lá o que lhe terei contado antes, para me armar em bom.

Nunca me licenciiei porque sabia alemão. A minha avó era do sul do Tirol e obrigara-me a falá-lo desde criança. A partir do primeiro ano da universidade, para me sustentar nos estudos, aceitara traduzir livros do alemão. Naquela época, saber alemão era já uma profissão. Liam-se e traduziam-se livros que os outros não compreendiam (e que, então, eram considerados importantes), e éramos mais bem pagos do que para o francês e mesmo para o inglês. Hoje, penso que acontece a mesma coisa a quem sabe o chinês ou o russo. Em qualquer caso, ou traduzes do alemão ou te licenciias, não é possível fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Com efeito, traduzir significa ficar em casa, ao calor ou ao frio, e

trabalhar de chinelos, além do mais, aprendendo uma quantidade de coisas. Para quê frequentar as aulas na universidade?

Por preguiça, decidira inscrever-me num curso de alemão. Teria de estudar pouco, dizia para mim mesmo, afinal já sei tudo. O luminar era, naquela época, o professor Di Samis, que criara aquilo a que os estudantes chamavam o seu ninho da águia, dentro de um palácio barroco em ruínas, onde se subia por uma escadaria e se chegava a um grande átrio. De um lado, abria-se o instituto de Di Samis, do outro era a aula magna, como lhe chamava pomposamente Di Samis, isto é, uma sala de aula que tinha uns cinquenta lugares.

Só se podia entrar no instituto calçando os chinelos. À entrada, havia em número suficiente para os assistentes e dois ou três alunos. Quem ficava sem chinelos esperava a sua vez do lado de fora. Tudo estava encerado, creio que também os livros nas paredes. Até a cara dos assistentes, velhíssimos, que desde tempos pré-históricos esperavam a sua vez para chegar à cátedra.

A sala tinha uma abóbada altíssima e janelas góticas (nunca percebi porquê, num palácio barroco) e vitrais verdes. À hora certa, isto é, à uma e catorze, o professor Di Samis saía do instituto, seguido, a um metro, pelo assistente mais velho e, a dois metros, pelos mais jovens, abaixo dos cinquenta. O assistente mais velho carregava-lhe os livros, os jovens, o gravador — os gravadores, no fim dos anos cinquenta, eram ainda enormes, pareciam um *Rolls Royce*.

Di Samis percorria os dez metros que separavam o instituto da sala de aula como se fossem vinte: não seguia uma linha recta, mas uma curva, não sei se uma parábola ou uma elipse, dizendo em voz alta, «cá estamos, cá estamos!», depois entrava na sala de aula e sentava-se numa espécie de pódio esculpido — era de esperar que começasse com chamaí-me Ismael.

Através dos vitrais, a luz verde tornava cadavérico o seu rosto que sorria, maligno, enquanto os assistentes activavam o gravador. Então começava: «Ao contrário do que disse recentemente o meu valoroso colega professor Bocardo...», e por aí fora, durante duas horas.

Aquela luz verde induzia-me sonolências aquosas — diziam outro tanto os olhos dos assistentes. Eu conhecia o sofrimento deles. Passadas as duas horas, enquanto nós, estudantes, saíamos em enxame,